



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PAULA GABRIELA SOSA SANCHEZ

**“REEXISTINDO A PARTIR DO SLAM: POTENCIALIZANDO VOZES
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”**

CADERNO DIDÁTICO
PROJETO DE LETRAMENTO

SALVADOR
2023

PAULA GABRIELA SOSA SANCHEZ

**“REEXISTINDO A PARTIR DO SLAM: POTENCIALIZANDO VOZES
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”**

**CADERNO DIDÁTICO
PROJETO DE LETRAMENTO**

Caderno Didático apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

**SALVADOR
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sanchez, Paula Gabriela Sosa
"Reexistindo a partir do
Slam:
potencializando vozes nas aulas de Língua
Portuguesa" de / Paula Gabriela Sosa Sanchez.
--Salvador, 2023.
64 f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Souza..
Caderno Didático (Mestrado Profissional em
Letras (PROFLETRAS)) -- Universidade Federal da
Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2023.

1. . I. Souza., Prof.^a Dra. Ana Lúcia. II. Título.

“[...] É evidente que temos que mudar as maneiras convencionais de pensar sobre a língua, criando espaços onde vozes diversificadas possam falar. [...] A mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente altera o modo como sabemos o que sabemos”.

(hooks, 2017, p.231)

SUMÁRIO

Um começo de conversa	5
APRESENTAÇÃO DO CADERNO	6
MÓDULO 1 - AMPLIANDO A NOÇÃO DE TERRITÓRIO	11
OFICINA 1: Quem eu sou e de onde eu venho ?	11
OFICINA 2: O QUE EU VEJO DA MINHA JANELA?	18
MÓDULO 2 - PARA ALÉM DOS LETRAMENTOS ESCOLARES	25
OFICINA 3: Afinal, o que dizem os Letramentos de reexistência?	25
MÓDULO 3 - A ORALIDADE NO CENTRO	29
MÓDULO 4 - AQUI A ORALIDADE TEM LUGAR	30
OFICINA 4: Memória africana e a Tradição Oral	30
OFICINA 5: A palavra que não volta para a boca: a linguagem como política para respirar..	34
MÓDULO 5 – AS BATALHAS DE SLAM E AS NOSSAS VOZES	37
OFICINA 6 - Corpo, voz, escuta - Compreendendo o jogo e as regras slam	38
MÓDULO 6: “NOSSAS CIRANDAS DE NARRATIVAS PULSANTES”	44
OFICINA 7: Enegrecendo saberes: o que diz a Lei 10639/03?	45
OFICINA 8: Diálogos sobre branquitude e o mito da democracia racial	48
MÓDULO 7 - MINHA VOZ TEM VEZ	53
OFICINA 9: O QUE EU TENHO A DIZER? (PRODUÇÃO).....	53
MÓDULO 8 - FECHANDO AS RODAS: A ESCOLA COMO PALCO DAS REEXISTÊNCIAS	59
OFICINA 10: Microfone na mão, nossas narrativas na escuta (Batalha de slam)	59
REFERÊNCIAS	63

UM COMEÇO DE CONVERSA

Olá!

Este Caderno Pedagógico **“REEXISTINDO A PARTIR DO SLAM: POTENCIALIZANDO VOZES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”** foi idealizado e elaborado no âmbito da minha pesquisa no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – UFBA) a partir das inquietações em busca de estratégias que indicassem caminhos para uma postura crítica e antirracista na área de estudo da linguagem e ensino de língua portuguesa.

A partir das reflexões acerca do conceito ampliado de território, surgiu a necessidade de repensar metodologias que pudessem viabilizar os múltiplos letramentos, englobando as práticas que estão para além dessa esfera Escola- Academia. No processo da pesquisa emergiu também o desejo de conhecer um pouco mais sobre as práticas de letramentos que compõem os enredos de quem pisa esse território-espaco, e que nós enquanto educadores (as), não fomos formados para dialogar.

Tomando emprestada a força das palavras de hooks (2017) na epígrafe, não há como transgredir sem modificar o pensamento acerca das maneiras convencionais de se pensar a língua, é evidente, assim como ela propõe, que é através da língua que a dominação é perpetuada. Os moldes que limitam, definem e oprimem, precisam ser ressignificados, vislumbrando assim, a língua como local de resistência, onde as diferentes maneiras de pensar e saber, sirvam como impulso para a criação de uma visão de mundo contra hegemônica.

Por isso, este Caderno didático é costurado e entrecruzado a partir de uma perspectiva formativa que traz uma visão que pretende ser transgressora, diante um currículo por ora encarcerado às normas que regem as escolas e o trabalho docente. Ele nasce com o intuito de suscitar discussões e possibilidades que vislumbram mudanças de paradigmas, já que inverte o sentido do conhecimento unilateral da escola para fora dos muros e aponta uma proposta contra a corrente, trazendo para a sala de aula, temas e narrativas que circulam fora dela e que, de maneira invisibilizada, adentra a sala de aula nos corpos dos sujeitos que ali estão.

Apesar de ter sido delineado para esse território específico, que engloba o Colégio Estadual Sátiro Dias e a comunidade do Complexo aglomerado de bairros do Nordeste de Amaralina, em Salvador – Ba, e direcionado para turmas de 9º Ano de Ensino Fundamental, este material, enquanto protótipo, abre possibilidade de reorganização para outras realidades e outras turmas.

APRESENTAÇÃO DO CADERNO

Cada vez mais se detecta que o fenômeno da poesia oral “Poetry slam” vem ganhando espaço no cenário nacional e mundial, quando jovens usam corpo e voz para reivindicar, contestar, denunciar e dar visibilidade às tantas desigualdades que insistem em nos espreitar.

A ideia de usar a palavra oral para ampliar o ativismo da juventude, engloba questões importantes e temáticas necessárias para a construção de uma sociedade mais democrática, muito se ganha quando vislumbram nesse jogo de linguagem, uma dimensão que problematiza e chama ao diálogo questões sociais urgentes: preconceitos, racismo, machismo e tantas outras violências presentes em nosso contexto.

É importante contextualizar cronologicamente, já que, estamos em 2023 e completando 20 anos da alteração da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) pela Lei 10.639/03, responsável por tornar obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira na grade curricular do ensino fundamental e médio, no entanto, é sabido que ainda carecemos do acompanhamento das autoridades e dos processos formativos frente à sua real implementação, pois, apesar da sua importância, fruto da luta em combate ao racismo e em prol do processo de descolonização, as escolas ainda costumam a superar o mito da democracia racial e necessitam de ações concretas que garantam a efetivação da Lei nas salas de aula brasileiras.

Por estas razões, a proposta aqui delineada, traz como foco a junção entre a Oralidade - prevista pela BNCC (Base Nacional curricular Comum), que visa não apenas tratar do uso da língua oral, mas, proporcionar ao aluno diversas situações de vivências em situações comunicativas - o poetry slam e a Lei 10.639/03, unindo forças enquanto ferramentas de reexistência para uma prática inovadora de ensino de língua, auxiliando no desenvolvimento do pensamento crítico e reconhecimento da diversidade como parte importante do ser humano.

Para a BNCC o tratamento das práticas orais compreende:

<p>CONSIDERAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS ORAIS QUE REGEM A CIRCULAÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS NAS</p>	<p>Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus
---	---

DIFERENTES MÍDIAS E CAMPOS DE ATIVIDADE HUMANA	gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
COMPREENSÃO DE TEXTOS ORAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao redesign, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.
COMPREENSÃO DOS EFEITOS DE SENTIDOS PROVOCADOS PELOS USOS DE RECURSOS LINGUÍSTICOS E MULTISSEMIÓTICOS EM TEXTOS PERTENCENTES A GÊNEROS DIVERSOS	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.
RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. • Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Nessa perspectiva, a proposta foi organizada em 7 módulos compostos por oficinas que trazem propostas de atividades voltadas para temáticas diversificadas, sempre atentando para a oralidade como centralidade.

O primeiro módulo tem como proposta a abertura de um diálogo sobre Território, uma vez que intenciona discutir a ideia de território violento X território violentado, assim como trazer reflexões importantes sobre as especificidades dos mesmos a partir do contexto que estamos inseridos.

O módulo dois, abarca questões voltadas para o grande eixo do componente curricular Língua Portuguesa: Oralidade. A proposta desta unidade é repensar metodologias à luz dos documentos oficiais norteadores e referências da educação brasileira (BNCC, LDB e

Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais) nas turmas finais do ensino fundamental.

No terceiro módulo, o destaque volta-se para os Novos Estudos dos Letramentos, mais especificamente os Letramentos de Reexistência. O objetivo é possibilitar que os (as) estudantes possam refletir sobre letramentos outros, que circulam para além da escola, assim como reconhecer práticas de letramentos que permeiam a sociedade e que são tão pouco visibilizadas nas salas de aula, aproximando a linguagem da escola aos seus contextos.

O módulo quatro propõe apresentar o poetry slam aos (às) estudantes, compreendendo origem, regras e características desse fenômeno da poesia oral que vem ganhando espaço no cenário nacional e internacional. Para isso, serão propostas atividades que possibilitem um mergulho acerca da trajetória de alguns (as) slammers e coletivos que se destacam neste universo.

O quinto módulo, intitulado “Nossas cirandas de narrativas pulsantes”, propõe levantar diálogos acerca de alguns temas específicos e corriqueiros na prática do slam, dentre os quais destacamos: questões raciais com as interfaces da Lei 10.639/03, com o intuito de impulsionar nas (os) estudantes a intenção oral em diversos contextos comunicativos.

No penúltimo módulo, encontramos uma proposta prática de produção, espera-se que nesta etapa as (os) estudantes estejam motivadas (os) para falar das suas próprias narrativas, fazendo ecoar vozes que considerem relevantes no centro da escuta.

O caderno traz, ainda, no último módulo, a proposta de realização de uma batalha de slam na escola, a fim de que coloquem em prática todo o conteúdo trabalhado nas oficinas distribuídas nos módulos anteriores e transformem-na em um palco de resistências e/ou reexistências, onde suas vozes sejam verdadeiramente potencializadas, e, atenda a proposta da última oficina, tal qual a denominamos: “microfone na mão, nossas narrativas na escuta”.

No detalhamento das oficinas, estão as seções a seguir:

- **Eixo temático norteador** - Sinaliza a temática abordada;
- **Questões para o diálogo** - Descreve questões que suscitarão o envolvimento entre os compartilhamentos das rodas de conversa;
- **Vem para a roda**- Descreve quem participa das ações e traz sugestões de possíveis convidados (as) para as oficinas.
- **Envolvendo a língua¹**- Aborda aspectos linguísticos pertinentes ao conteúdo desenvolvido na oficina.

¹ Esta seção não está presente em todas as oficinas.

- **Desenvolvimento**- Apresenta o passo a passo das ações, dividindo em momentos que traçam o percurso e, contempla ainda, a indicação dos textos de apoio para o (a) professor (a).

*Vale para todos alguns lembretes importantes:

- Ao longo de algumas oficinas, há quadros e box específicos com algumas orientações e reflexões direcionadas ao (à) professor (a), denominada “PAPO RETO”.
- As oficinas iniciam com as “Ações propostas” que apontam um recado geral sobre a necessidade de olhar os recursos que podem ser necessários.

Vamos agora para o plano de distribuição de cada um dos módulos com as respectivas oficinas detalhadas. O foco está em explicitar a intersecção entre as ações propostas e dentro delas os objetos de conhecimento, os objetivos, até chegar às especificidades da educação antirracista - fundamentadas a partir das “ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS” - documento publicado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), resultado de vasta contribuição de educadores e estudiosos que formaram grupos de trabalho entre dezembro de 2004 e junho de 2005, após a promulgação da Lei 10.639/03, para cumprir o detalhamento de uma política educacional reconhecadora da diversidade étnico-racial, em correlação com faixa etária e situações específicas de cada nível de ensino, servindo de subsídio importante para o tratamento da diversidade na educação.

Ofereço aqui um pedacinho do que vivi, experimentei, com emoção, afeto, responsabilidade, entrega e esperança de um hoje melhor para a educação. Somos parte de um processo de políticas públicas que a partir de 01 de janeiro de 2023 parece nos sorrir, nos animar para sermos parte de um processo maior e importante.

Portanto, este material emerge como um respiro profundo e aliviado, depois de um período sufocante e angustiante permeado por uma longa crise sanitária, política e humana, por essas razões, aponto aqui um caminho possível de concretizar ações educativas necessárias, que garantam (a) efetivamente novas possibilidades.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 1 – AMPLIANDO A NOÇÃO DE TERRITÓRIO

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p><u>OFICINA 1</u> “Quem eu sou e de onde venho?”</p> <p><u>OFICINA 2</u> “O que eu vejo da minha janela”</p>	<p>Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social</p> <p>Tipos de argumentos;</p> <p>Figura de Linguagem: Analogia.</p>	<p>Propiciar abertura ao diálogo em sala de aula a partir de rodas de conversa;</p> <p>Ampliar o conceito de Periferia(S), Território.</p> <p>Reconhecer especificidades do território sob olhares diversos;</p>	<p>(EF69LP11) identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações.</p>	<p>Trabalhar a auto-estima dos (as) alunos (as) afirmando a positividade das diferenças individuais e de grupos a partir da valorização da história familiar dos (as) alunos (as), das pessoas de sua escola, bairro, comunidade e suas diferenças culturais.</p>

MÓDULO 1 - AMPLIANDO A NOÇÃO DE TERRITÓRIO

OFICINA 1: Quem eu sou e de onde eu venho?

Duração prevista: 04 horas/aula

Recursos Necessários:

Datashow;
Notebook,
Caixa de som;
Dicionário;
Papel Ofício A4;
Livro: 40 ideias de periferia (Tiaraju Pablo D'Andrea).

OBJETIVOS:

- *Ampliar o conceito de Periferia(S), Território violento X Territórios violentados;
- *Propiciar abertura ao diálogo em sala de aula a partir de rodas de conversa;

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR DA OFICINA:

- IDENTIDADE
- TERRITÓRIO

QUEM VEM PARA A RODA?

Estudantes, professor (a) e o (a) convidado (a) será um (a) integrante da comunidade, envolvido (a) em ações educativas/culturais para falar das contribuições práticas no território.

Sugestões a partir do nosso contexto: Alguém que esteja envolvido (a) no NORDESTeuSOU (Um projeto que apresenta proposta que consiste em reunir informações sobre esporte, lazer, cultura e entretenimento em um modelo de website diferenciado, visando o respeito e buscando mostrar uma visão mais ampla desse território, na tentativa de desconstruir o estigma da violência que o caracteriza. O site funciona como uma revista eletrônica, com espaço aberto para artistas, personalidades, grupos sociais e religiosos e qualquer outra entidade situada/proveniente da comunidade.) Para conhecer um pouco mais das ações desenvolvidas, acesse: [Home - NORDESTeuSOU](#)

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO:

- Qual a minha relação com o lugar que vivo?
- O que há por trás do conceito de Território?
- Quais as marcas/potencialidades (é preciso incentivar os alunos a identificarem não apenas as ausências, mas os recursos comunitários) do meu território que carrego em mim?
 - Território violento X Território violentado
 - Qual o meu conceito de periferia?
 - Como os argumentos se constituem?

ENVOLVENDO A LÍNGUA:

- TIPOS DE ARGUMENTOS

DESENVOLVIMENTO:

Ao iniciar as oficinas a proposta é selecionar entre os (as) estudantes, um (a) redator (a) para registrar pontos relevantes das discussões. O (a) Redator (a) pode também utilizar fotografias dos momentos registrados para enriquecer o conteúdo.

- **1º momento (1 hora/aula):** Roda de conversa com o (a) integrante do portal comunitário NORDESTeuSOU para exposição oral das ações desenvolvidas no bairro Nordeste de Amaralina e abrir o diálogo para discutir as questões acima elencadas;

A escolha do bairro Nordeste de Amaralina é inserida aqui, por tratar-se do contexto ao qual o caderno didático foi delineado, a Figura abaixo (Figura 1) extraída do site ibahia, revela os contrastes evidenciados entre becos e vielas, as manifestações artístico-culturais presentes na comunidade, representada pelo grafite enquanto arte urbana destacada em algumas fachadas.

Figura 1 - Grafite no Nordeste de Amaralina



Fonte: Site (ibahia.com). Acesso: 30 jan. 2023.

- **2º momento (2 horas/aula):** Discutir o conceito de Território ancorado em Milton Santos a partir das diferenciações entre “território usado” e “território em si”.

Realizar a leitura do texto para abertura de diálogo e em seguida suscitar reflexões acerca da dicotomia: Territórios violentos X Territórios violentados: (Importante discutir quais políticas públicas funcionam ou não funcionam no território, como eles avaliam, o que falta? Como se sentem tratados pelos serviços públicos? Incluindo segurança pública).

É esperado que exponham um momento/situação comum da comunidade, essas exposições serão oportunidades para questionamentos importantes e reflexões em grupo:

- Essas situações e vivências são comuns em outros territórios?

O CONCEITO DE TERRITÓRIO

Milton Santos (2002) realiza uma distinção que passa a ser muito utilizada entre o que ele denomina: território como abrigo e território como recurso. Ele coloca que a grande diferenciação existente é que enquanto os sujeitos hegemônicos veem o território enquanto uso, fonte apenas de recursos; os sujeitos hegemonzados, o veem como abrigo e estão a todo momento modificando e recriando métodos e estratégias a fim de sobreviver do e no território. Santos (2002) critica o pragmatismo de alguns autores que tratam o conceito de território, forçando-o a parecer um conceito puro, e assim, desvinculando-o de seu caráter cada vez mais híbrido e mutável ao longo da história.

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo (p.3). O território usado, visto como uma totalidade, é um campo privilegiado para a análise na medida em que, de um lado, nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade do seu uso (p. 12). (SANTOS, 2000, p. 3-12).

Dessa forma, Milton Santos (1994), se debruçará a examinar as diferenciações entre o que ele denominou de “território usado” e “território em si”, pois segundo ele, o que faz do território objeto do estudo geográfico não é o território em si mesmo, mas sim o uso que damos a ele. Assim, ele faz uma separação conceitual importantíssima sobre o território como forma, somente pensado em si, como sendo uma definição meramente material; e o território usado como “objetos e ações, sinônimo de espaço humano” (SANTOS, 1994, p. 16).

Fonte: [O conceito de território - Portal de Educação do Instituto Claro](#). Acesso em 31 jan. 2023.

Figura 2 - Milton Santos



Fonte: www.brasilecola.uol.com.br/geografia/milton-santos.htm

EM DIÁLOGO COM O TEXTO:

1. Para Milton Santos, o que diferencia o território usado do território em si?
2. Como você caracterizaria o território que engloba a sua comunidade?
3. Sabemos que a linguagem recria o real, pois, por meio da linguagem, damos existência ao que existe em nossos contextos, a partir dela, modelamos nossos sentimentos e emoções, porém, vale ressaltar que o real também pode recriar a linguagem, ou seja, a partir de determinadas condições de produção, também podemos recriar expressões que dão sentido à nossa dimensão histórica.

- Que tal pensarmos sobre isso a partir da dicotomia:

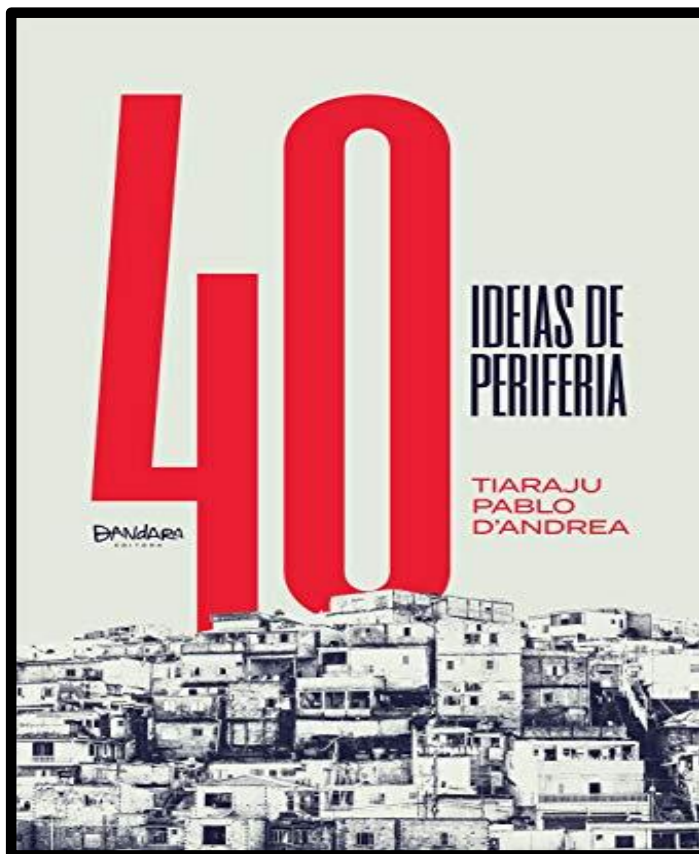
TERRITÓRIOS VIOLENTOS X TERRITÓRIOS VIOLENTADOS

O que muda quando substituímos “violentos” por “violentados”?

3º momento (1 h/aula): Iniciar a aula provocando a reflexão acerca do que eles(as) entendem por periferia. Nesse momento serão distribuídas folhas A4 para que cada estudante registre suas reflexões sobre o termo e utilize a escrita como suporte para a socialização oral na roda, em seguida, será proposta a consulta ao dicionário a fim de coletar algumas acepções do termo para confrontar com as reflexões do grupo.

Após a breve socialização, sugere-se a leitura de alguns fragmentos do livro “40 IDEIAS DE PERIFERIA” (TIARAJU PABLO D'ANDREA), para ampliar as discussões sobre **território violento e território violentado**.

Figura 4 - Capa do livro “40 ideias de periferia - Tiaraju Pablo D'andrea”.



Fonte: Arquivo pessoal.

❖ **Papo Reto:** Neste momento da discussão espera-se que os(as) estudantes utilizem argumentos diversificados para apoiar o seu ponto de vista, oportunizando uma análise das características do texto argumentativo e apreciativo, portanto, cabe, elencar as estratégias argumentativas observadas durante a roda de conversa, destacando os tipos de argumentos (argumento de autoridade, argumento dedutivo, argumento indutivo e argumento por analogia), para isso, pode-se apresentar o esquema em destaque a seguir para aprofundar o diálogo:

Figura 5 - Esquema dos tipos de argumento



Fonte: [www.filosofianaescola.com/4 Tipos de argumentos](http://www.filosofianaescola.com/4%20Tipos%20de%20argumentos) | Filosofia na Escola Acesso em: 30 jan. 2023.

O (a) Professor (a) pode utilizar o quadro como recurso, para exemplificar a partir da vivência em roda, cada um dos tipos de argumentos.

No decorrer da oficina utilizamos vários tipos de argumentos em nossas rodas de conversa, registre alguns exemplos na tabela (Utilizar como suporte o mapa conceitual presente na Figura 5):

Tipos de argumentos	Exemplo 1	Exemplo 2
Analogia		
Autoridade		
Dedutivo		
Indutivo		

«Papo reto: Ao concluir esta primeira oficina, é importante ressaltar a importância das interações para a legitimação de todos (as) como parte do grupo, troca de saberes e construção de conhecimentos de forma colaborativa, participativa e democrática.

OFICINA 2: O QUE EU VEJO DA MINHA JANELA?

Duração prevista: 04 horas/aulas

Recursos Necessários:

Datashow;

Notebook;

Livro: "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" Org. Mel Duarte.

OBJETIVO:

* Reconhecer especificidades do território sob olhares diversos;

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR/OFFICINA

- Diversidade;
- Língua e Território

QUEM VEM PARA A RODA?

Estudantes, professor (a) e um (a) morador (a) antigo (a) na comunidade para dialogar acerca das transformações percebidas visualmente no território, estabelecendo uma relação temporal entre passado-presente-futuro.

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO:

- O que eu vejo da minha janela?
- O que eu sinto quando olho para o chão que piso?
- Quais são os lugares do meu território que me trazem encantamento?
- Quais são os espaços que me conectam à minha comunidade?
- O que há de diverso no meu território?
- O que "Os mais velhos" dizem sobre o meu território?

Estas questões devem ser anotadas no quadro antes de iniciar a aula, com o intuito de provocar discussões em roda.

ENVOLVENDO A LÍNGUA

- Analogia

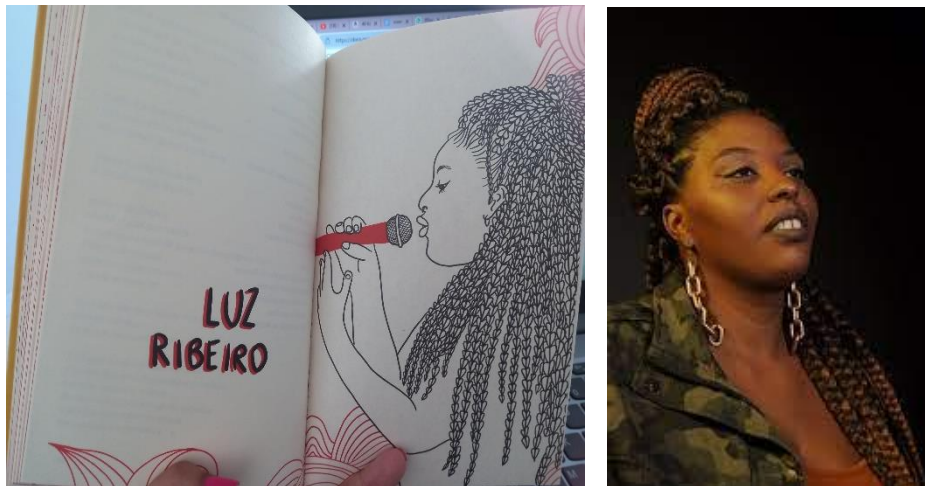
AÇÕES PROPOSTAS

DESENVOLVIMENTO:

1º momento (1 h/aula): Abrir a roda de conversa com a exibição do Texto 1 em vídeo: “Eu, que só sei abrir janelas” Luz Ribeiro extraído do livro: “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta.” Org. Mel Duarte) disponível em: [\(17\) eu, que só sei abrir janelas - luz ribeiro - YouTube](#)

Conhecendo a autora : Quem é Luz Ribeiro?

Figura 6 e 7 - Ilustração do livro “Querem nos calar - Org.Mel Duarte) e imagem da autora Luz Ribeiro



Fonte: [Luz Ribeiro \(agenciamural.org.br\)](#). Acesso em: 30 jan. 2023.

LUZ RIBEIRO

Em tempos de redes sociais, Luz prefere pousar em redes de balanços e afetos, de maneira que Luz não possui uma base de seguidores estabelecida, Luz não sonha em ter seguidores, Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Luz é coletiva: Poetas Ambulantes, Slam das Minas SP e Legítima Defesa. Autora dos livros (in)dependentes eterno contínuo (2013) e Espanca-estanca (2017). Paulistana nascida no verão de 1988, Luz é: mar-mãe de Ben e filha-mar de Odojá.

(Biografia extraída do livro Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta. Org. Mel Duarte)
Para mais informações sobre a autora acesse: [Luz Ribeiro \(agenciamural.org.br\)](#)

Durante a exposição do vídeo-poema, solicitar que os (as) estudantes atentem e registrem características do território presentes no texto.

2º momento (2 h/aula): Iniciar com a exibição do clipe “Meu lugar” do compositor Arlindo Cruz. Acesse o clipe em: [\(19\) MEU LUGAR ARLINDO CRUZ video oficial - YouTube](#). O(a) convidado(a) da comunidade será apresentado(a) aos(às) estudantes e convidado(a) a expor suas reflexões a partir do questionamento:

Qual a sua conexão com o lugar que você vive?

A partir do clipe, da exposição oral do (a) convidado e das questões escritas no quadro, os (as) estudantes serão motivados(as) a destacarem aspectos que consideram importantes para expor oralmente na roda.

Texto 2:

MEU LUGAR

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e seres de luz
É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, lá laiá
Madureira, lá laiá
O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e seres de luz
É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, lá laiá
Madureira, lá laiá
Ah lugar
A saudade me faz lembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer
Doce lugar
Que é eterno no meu coração
Que aos poetas traz inspiração

Pra cantar e escrever
Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jongo à luz do luar
Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar
Madureira, lá laiá
Madureira, lá laiá
Madureira
Em cada esquina um pagode num bar
Em Madureira
Império e Portela também são de lá
Em Madureira
E no Mercado você pode comprar
Por uma pechincha você vai levar
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar
Em Madureira
E quem se habilita até pode chegar
Tem jogo de lona, caipira e bilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureira
E uma fezinha até posso fazer
No grupo dezena, centena e milhar
Pelos sete lados eu vou te cercar
Em Madureira
E lalalaiala laia la la ia
E lalalaiala laia la la ia
E lalalaiala laia la la ia
Em Madureira
E lalalaiala laia la la ia
E lalalaiala laia la la ia
E lalalaiala laia la la ia
Em Madureira, lá laiá
Em Madureira

Compositores: Arlindo Domingos Da Cruz Filho / Jose Mauro Diniz

3º Momento (1 h/aula): A aula iniciará com a leitura do texto a seguir:

Texto 3:

SOU MORADOR DO NORDESTE DE AMARALINA E TAMBÉM SOU FILHO DE DEUS.

Além da classe e da cor, expressões culturais relacionadas a moradores da comunidade sofrem discriminação e são alvo das políticas voltadas para conter a população favelada.

Por **Robert Santos** -10 de abril de 2019

[Compartilhar no Facebook](#) [Tweet](#)



Os estereótipos negativos em relação à vida no Complexo do Nordeste de Amaralina e aos seus moradores, os favelados, estão presentes tanto na ideologia da política habitacional do Estado, quanto nas representações espontâneas dos habitantes de Salvador.

“O estereótipo do bandido vai-se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador da favela, próximo do tráfico de drogas vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda”, já dizia Orlando Zaccone.

Nasci na favela, logo sou favelado. No Nordeste de Amaralina me reconheço e dali posso ser olhado pelos outros. Só que a comunidade não é apenas o lugar do “espaço banal” produzido por todos e com todos, das solidariedades e dos conflitos locais, mas o espaço que recebe o conteúdo ideológico de outros que estão distantes, e que o objetivam como o lugar atrasado, sem atrações e distante (aqui o sentido da distância equivale à inacessibilidade e rejeição), enfim, o lugar “onde o judas perdeu as botas”.

O que se quer é ser feliz e felicidade é ser tratado com respeito, é ter direito de ir e vir, de se divertir, de ser reconhecido, de ter segurança e paz. O porquê desses desejos de felicidade tão básicos para uma sociedade democrática serem considerados tão ameaçadores é uma questão para refletirmos. Talvez essa sociedade não seja tão democrática assim. Ou, talvez, o misterioso recado final, “Se eles lá não fazem nada, faremos tudo aqui”, possa soar demasiado ameaçador para ouvidos educados na persistente tradição da casa-grande.

Fonte: www.nordestesou.com.br / [Coluna NES] Sou Morador do Nordeste de Amaralina e também sou filho de Deus. - [NORDESTeuSOU](#), acesso em 31 jan. 2023.

Observação: O professor (a) deverá convidar um (a) estudante para leitura na roda. Após a leitura, a roda de conversa será aberta para discutir as questões a seguir:

CONECTANDO OS TEXTOS* **(discutindo oralmente)**

1. Como é apresentado o lugar em que se vive em cada um dos textos?
 Texto 1:
 Texto 2:
 Texto 3:
2. Como você apresentaria o seu lugar?
3. Quais características são visivelmente destacadas em cada um desses territórios situados nos textos 1, 2 e 3?

*(Para a realização desta proposta, será necessário acessar os textos utilizados nos momentos anteriores, para isso, pode-se utilizar o datashow como suporte para exibição e revisão).

ENVOLVENDO A LÍNGUA- ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Durante a análise dos textos 1, 2 e 3 possivelmente serão encontrados muitos aspectos que configuram semelhanças no contexto e na forma de expor suas narrativas ao relatarem características do seu território, neste momento, o(a) professor(a) pode explorar aspectos linguísticos pertinentes, utilizando por exemplo a figura de linguagem analogia, para designar o funcionamento da mesma como recurso importante da argumentação, levando-os(as) a discutir a importância desse elementos na construção da narrativa.

ANALOGIA

Utilizada como estratégia argumentativa, a figura de linguagem analogia estabelece relações de semelhança entre coisas ou fatos.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 2 - PARA ALÉM DOS LETRAMENTOS ESCOLARES

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p>OFICINA 3: Afinal, o que dizem os Letramentos de Reexistência?</p>	<ul style="list-style-type: none"> *Relação entre textos; *Conversação espontânea *Variedades linguísticas 	<ul style="list-style-type: none"> *Discutir os Letramentos que circulam dentro e fora da escola; *Refletir as variedades linguísticas e os impactos do preconceito linguístico e social. *Compreender os pilares que constituem os Letramentos de Reexistência 	(EF89LP27) tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral etc.	Discutir a desconstrução de estereótipos e preconceitos numa visão crítica às atitudes e materiais etnocêntricos, valorização dos saberes locais.

MÓDULO 2 - PARA ALÉM DOS LETRAMENTOS ESCOLARES

“A interação com a voz do outro é o que propicia a construção de nossos posicionamentos, de nossas identidades e de nossas vozes sociais”. (SOUZA, 2011, p.114)

OFICINA 3: Afinal, o que dizem os Letramentos de reexistência?

Duração prevista: 04 horas/aulas

Recursos Necessários:

Datashow;

Notebook;

Livro: "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" Org. Mel Duarte.

OBJETIVOS:

- * Discutir os Letramentos que circulam dentro e fora da escola;
- * Refletir as variedades linguísticas e os impactos do preconceito linguístico e social.
- * Compreender os pilares que constituem os Letramentos de Reexistência

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Letramentos de Reexistência

QUEM VEM PARA A RODA

Estudantes e professor (a)

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

- O que são as práticas de Letramentos?
- O que eu aprendo na escola e fora dela?
- Como se constituem os Letramentos de Reexistência?
- A escola valoriza ou exclui as variedades linguísticas?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Preconceito linguístico

AÇÕES PROPOSTAS

DESENVOLVIMENTO:

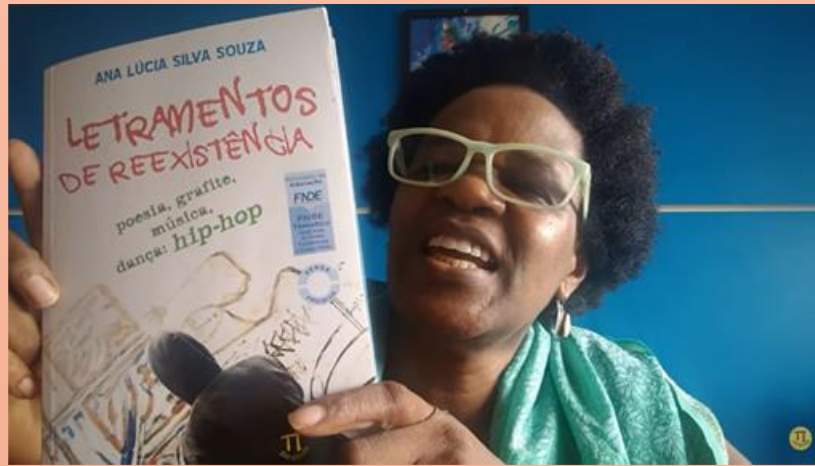
1º Momento (2 h/aula): Leitura do texto e abertura da roda de conversa com as questões para o diálogo.

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA

Para entendermos o que são os Letramentos de reexistência, tomemos como definição o que diz a própria intelectual/pesquisadora, autora do conceito - Ana Lúcia Silva Souza:

Entrar no universo de letramento escolar – uma das esferas sociais mais importantes da vida, pois passamos lá boa parte de nossa existência –, não pode significar “sair da vida”, e, sim, espaço de articulação, de valorizar experiências educativas das quais os sujeitos participam para além da escola, no cotidiano e em outros espaços de sociabilidade como os movimentos sociais negros. Foi o que pretendi afirmar na tese Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop, na qual o letramento é categorizado como de reexistência¹. Pode-se dizer que o letramento de reexistência, tem apoio em três vértices que podem estar em diferentes esferas sociais: os letramentos escolares, as experiências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais do grupamento de origem e as práticas de usos de linguagem ligados ao momento vivido no aqui agora, seja em movimentos sociais, grupos de lazer, de esportes ou em outros associativismos.

¹Tese defendida em 2009 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna, sob orientação da Profa. Dra. Angela B. Kleiman, no Grupo Letramento do Professor.



Conhecendo a autora do conceito:

Ana Lúcia Silva Souza

É doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (2009), mestra em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996), graduada em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política do Estado de São Paulo (1988). Tem estudos e projetos na área de Linguística, com ênfase em letramento e relações raciais, atuando principalmente nos seguintes temas: hip-hop, identidade, juventude negra, educação.

Fonte: www.youtube.com/watch?v=Zs9n5yrz1w&t=19s. (17) Minicurso - Letramentos de reexistência - Aula 1 - YouTube. Acesso em: 31 jan. 2023.

2º Momento (1 h/aula): responder as questões a partir da leitura e compartilhamentos em roda:

Lendo e interferindo...

1. Segundo a pesquisadora, ao defender o conceito Letramento de reexistência, ela pretende experiências educativas além de valorizar o letramento escolar, atentar-se também para as outras que aprendemos fora dos muros da escola. Na sua opinião, onde mais adquirimos conhecimento além da escola?

2. Você concorda com a pesquisadora ao afirmar que não devemos “sair da vida” ao entrar no universo de letramento escolar? Comente.

3. E afinal? Como, onde e quando acontecem as nossas práticas de letramentos?

4. Na sua opinião quais estratégias a partir da linguagem nos ajudam a reexistir?

🔊 **Papo reto:** É importante destacar que quando tratamos das práticas de letramentos, não estamos lidando somente com o processo de aprendizagem histórico-social em relação à leitura e à escrita em contextos diversificados. Para além disso, ampliamos o olhar também para as atividades orais, para os usos da oralidade em diversas situações comunicativas.

Portanto, a inclusão das práticas orais no conceito de letramento modifica também o nosso olhar sobre o estudo da língua, pois nos faz lembrar da capacidade que o ser humano sempre teve de transmitir e receber conhecimentos por meio da língua, antes mesmo da invenção da escrita.

Além disso, é fundamental levar para discussão na roda, as variedades linguísticas, considerando que quando excluimos práticas orais, ou privilegiando práticas de letramentos escolares em detrimento de outras que são vivenciadas fora da escola, estamos indo de encontro ao que propõe os Letramento de Reexistência e “saindo da vida” dos (as) estudantes, bem como afirmou a autora Ana Lúcia Silva Souza. Por exemplo, o rap e o funk querem passar que mensagem? Usar um rap seria interessante também. Sugestão:

E MCs Pela Educação - Passinho da Educação

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mHxVe6ZeRp4>

3º momento (1 h/aula):

Para aprofundar o debate sobre as variedades linguísticas e o preconceito linguístico e social, o(a) professor(a) deve exibir o vídeo da slammer LUZ RIBEIRO “ JE NE PARLE PAS BIEN” LUZ RIBEIRO, disponível em : (20) Slam das Minas - Je Ne Parle Pas Bien - Luz Ribeiro - YouTube e abrir um debate a partir das questões:

- Qual a visão da slammer sobre a língua que nos ensinam?
- A escola valoriza ou exclui as variedades linguísticas?
- O que a slammer critica no poema?

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 3 - A ORALIDADE NO CENTRO

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p><u>OFICINA 4:</u> As recriações da tradição oral</p> <p><u>OFICINA 5:</u> A palavra que não volta para a boca: a linguagem como política para respirar.</p>	<p>*Relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais;</p> <p>*Discussão oral.</p>	<p>Discutir as contribuições da influência africana na língua portuguesa;</p> <p>Reconhecer o texto oral como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.</p> <p>Participar de discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social</p>	<p>(EF69LP21). Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou “convocar” para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.</p>	<p>Trabalhar a influência africana na língua portuguesa na dimensão da oralidade enquanto transmissão de saberes necessários e fundamentais à memória coletiva, e construção da identidade.</p>

MÓDULO 4 - AQUI A ORALIDADE TEM LUGAR

A oralidade, secularmente, constitui a forma de estar no mundo para um grupo étnico que tão pouco acesso teve às chamadas “letras”, à educação formal, e que, nem por isso, deixa de escrever, na alma, no corpo, no espaço construído, a sua história, memória viva.

(Orientações e Ações para a Educação das relações Étnico-Raciais, p. 151)

OFICINA 4: Memória africana e a Tradição Oral

Duração prevista: 4 horas/aula

Recursos:

Data Show;

Notebook;

Texto impresso;

OBJETIVOS:

* Reconhecer o texto oral como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias;

* Discutir as contribuições da influência africana na língua portuguesa.

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR/OFICINA:


Tradição Oral

A Influência africana na Língua Portuguesa

QUEM VEM PARA A RODA?

Estudantes, professor (a) e convidado (a) – pesquisador (a) na área de Estudos africanos e/ou Oralidade - para discutir a Tradição Oral e a relação entre a oralidade e o corpo que fala.

Sugestão a partir do nosso contexto: Eumara Maciel dos Santos

	<p>Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado em Estudo de Linguagem e graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia.</p>
---	---

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO:

- O que é oralidade?
- O que está envolvido na oralidade além da fala?
- Quem foi Amadou Hampâté Bâ?
- Onde está a oralidade do nosso cotidiano?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

- *Palavra falada;
- *Argumentação;

AÇÕES PROPOSTAS

DESENVOLVIMENTO

1º Momento (1 h/aula): Apresentar as questões para o diálogo à turma, em seguida o (a) convidado (a) terá um momento para apresentar-se e responder algumas questões.

2º momento (2 h/aula): Após a exposição oral do (a) convidado (a), indica-se a leitura conjunta do texto a seguir:

Amadou Hampâté Bâ - A tradição oral em perigo.

"Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que queima". Esta é provavelmente a frase mais famosa de Amadou Hampâté Bâ que tanto se empenhou em preservar a tradição oral africana.

Ele começa sua autobiografia, *Amkoullel, o menino fula*, explicando como funciona a memória numa cultura oral, pelo menos entre os anciãos, antes da cultura moderna mudar as regras do jogo. As crianças aprendiam a observar, a olhar e a escutar com tamanha atenção que sua memória gravava os acontecimentos com todos os detalhes. Esses registros podiam ser consultados posteriormente, como se consultaria a película de um filme. Alguns membros de sociedades africanas memorizavam a totalidade dos conhecimentos do seu grupo, de sua etnia, e chegavam a falar sete ou oito línguas diferentes, aprendidas em suas viagens.

Hoje, a tradição oral está em perigo em vários lugares do mundo. A cultura moderna que tomou conta do globo valoriza antes de tudo a escrita, o consumo rápido da informação, a quantidade de informações mais que sua qualidade. A qualidade da escrita é, ela própria, minada pelo uso dos novos recursos de comunicação. É interessante lembrar que um sábio africano que falava oito línguas era considerado analfabeto pelos colonizadores europeus.

Lamenta-se, com razão, a destruição de obras arquitetônicas por vândalos de mente tacaña; a destruição da biblioteca de Alexandria provoca ainda hoje indignação, mas pouco se lembra das vastidões impalpáveis engolidas pelo esquecimento.

Fonte: [A tradição oral em perigo \(triskeldagi.com\)](http://triskeldagi.com) acesso em 30 jan. 2023..

Figura 8. Amadou Hampâté Bâ

	<p>QUEM FOI AMADOU HAMPÂTÉ BÂ?</p> <p>O autor maliano que coletou, compilou e publicou em francês, língua oficial do Mali, muitas narrativas populares fula e bambara. Dessas narrativas, emergem representações de culturas e história da região da África denominada Sahel, ao passo que apresenta a oralidade como acionadora de cadeias de transmissão de ensinamentos milenares.</p>
---	---

Fonte: <https://cadernodematerias.wordpress.com/>

CURIOSIDADES

Você já ouviu falar no termo *griot*?

Griots - Guardião da palavra

Os *griots* são contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos, sendo também referidos como *jali* (em mandês), *guelwel* (em wolof), *iggawen* (em hassania) ou *arokin* (em iorubá)¹.

O termo *griot* vem da palavra *guiriot*, em francês e da palavra *criado*, em português. Franceses e portugueses realizavam trocas comerciais com países da África Ocidental, transformando algumas palavras tradicionais em expressões nas línguas dos colonizadores.

Os *griots* utilizam diversos instrumentos em suas transmissões de conhecimentos, mais especificamente o *kora*, *xalam*, *goje*, *balafon* e o *ngoni*. Eles também transitavam entre os países firmando tratados comerciais e ensinavam às crianças danças, histórias e cantos ancestrais.

A oralidade, para eles, é sagrada e transmissora da paz.

Para alguns povos da África, os griots são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras.

Fonte: [www.mawon.org/Griots: os guardiões das palavras \(mawon.org\)](http://www.mawon.org/Griots: os guardiões das palavras (mawon.org)) acesso em 06/02/2023.

Encerrando a leitura coletiva, a turma será motivada a responder na roda oralmente:

1. Qual o lugar da oralidade em nosso cotidiano?
2. Por que a tradição oral deve ser valorizada?
3. Na sua opinião, que ações podem contribuir com a valorização da tradição oral?
4. Qual a relação da oralidade com a ancestralidade?
5. Após as reflexões, explique algumas razões que exemplificam a relação do continente africano com a tradição oral.

OFICINA 5: A palavra que não volta para a boca: a linguagem como política para respirar



Duração prevista: 2 horas/aula

Recursos Necessários:

Datashow;
Notebook;
Pincel para quadro;

OBJETIVOS:

*Reconhecer o texto oral como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

*Participar de discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Oralidade e sociedade

QUEM VEM PARA A RODA

Estudantes, Professor(a) e convidado(a) - Poeta/Slammer - para falar sobre o texto oral como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

- Em quais situações utilizamos o texto oral como lugar de manifestação?
- Em que medida a nossa formação sócio-histórica-cultural interfere em nossos discursos?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Oralidade

ACÇÕES PROPOSTAS

DESENVOLVIMENTO:

1º momento (1 hora/aula): O (a) convidado (a) slammer deverá se apresentar à turma e discutir sobre as questões elencadas para o diálogo e realizar a performance de algumas produções. A proposta é discutir acerca do desenvolvimento da palavra oral como uma estratégia de resistência e empoderamento a partir do slam. Neste momento é importante solicitar aos (às) estudantes que formulem perguntas prévias a respeito das curiosidades sobre o processo criativo do (a) convidado (a), a fim de que sejam incentivados à pesquisa, desenvolvam o pensamento crítico, compreendam as estratégias utilizadas e estejam atentos (as) à performance, observando o “Corpo casa da palavra”.

2º momento (1 hora/aula): Dando sequência ao momento interativo com o (a) convidado, refletir sobre:

1. Em quais situações utilizamos a palavra como manifestação dos nossos valores?
2. Você acha que a escola é um espaço potencializador para ampliar a nossa voz? Se a resposta for negativa, como potencializar esse espaço?
3. O que mais chamou a sua atenção durante a performance?
4. Você concorda com a ideia de podermos usar a palavra para manifestar questões importantes para a sociedade?
5. Para você, o que significa usar o texto como política para respirar? Explique.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 5 – AS BATALHAS DE SLAM E AS NOSSAS VOZES

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p style="text-align: center;"><u>OFICINA 6:</u> Corpo, voz, escuta- Compreendendo o jogo e as regras slam</p>	<p>Origem e características do slam;</p> <p>Multissemióse (corpo e voz)</p> <p>Figuras de Linguagem</p>	<p>Conhecer origem e características do fenômeno da poesia oral Slam;</p> <p>Possibilitar discussões que assegurem a partir do slam, a compreensão das nossas próprias narrativas, como forma de construção de pensamento crítico;</p> <p>Conhecer o processo metafórico presente na linguagem poética.</p>	<p>(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.</p>	<p>Propiciar reflexões sobre o difícil processo de ocupação do espaço urbano vivenciado pela população negra no período pós-abolição e na atualidade, contextualizando as causas e consequências dessa ocupação como também as relações estabelecidas.</p>

OFICINA 6 - Corpo, voz, escuta - Compreendendo o jogo e as regras slam



Duração prevista: 4 horas/aula

Recursos Necessários:

Texto xerocopiado
Notebook
Datashow

OBJETIVO:

- Conhecer origem e características do fenômeno da poesia oral slam;
- Possibilitar discussões que assegurem a partir do slam, a compreensão de suas próprias narrativas, como forma de construção de pensamento crítico.
- Conhecer o processo metafórico presente na linguagem poética.

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Poesia oral – slam

QUEM VEM PARA A RODA

Professor(a) e estudantes

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

O que é poesia slam?
Quais são as características do slam?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Figuras de Linguagem: Metáfora

AÇÕES PROPOSTAS


DESENVOLVIMENTO:

1º momento (2 horas/aula): Projetar o vídeo de Mel Duarte, relatando como se descobriu poeta

Fonte: (29) Não desiste, negra, não desiste! | Mel Duarte | TEDxSaoPauloSalon - YouTube

Após a exibição do vídeo discutir:

- Quais características foram observadas na apresentação de Mel Duarte?
- Você já vivenciou alguma experiência com o slam? Quando? Onde?

 **Papo reto:** É importante demonstrar a difusão do slam, vale destacar e/ou sugerir a leitura de algumas publicações e premiações recentes do cenário nacional:

	
<p>Livro organizado pelo escritor Emerson Alcade - idealizador do SLAM Interescolar SP- vencedor da maior premiação literária do país - Prêmio Jabuti - na categoria Fomento à Leitura, no eixo Inovação em 2021.</p>	<p>A primeira grande antologia de poetas slammers brasileiras, organizada pela produtora cultural, escritora e slammer Mel Duarte. A antologia “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta” reúne poesias de 15 mulheres slammers de todas as regiões do Brasil. Autoras:</p> <p>Anna Suav; Bell Puã; Bor Blue; Cristal Rocha; Dall Farra; Danielle Almeida; Laura Conceição; Letícia Brito; Luiza Romão; Luz Ribeiro; Mariana Felix; Meimei Bastos; Negafya; Roberta Estrela D’alva; Ryane Leão.</p>

2º momento (1 hora/aula): Leitura do texto:

Poderíamos definir o slam como um jogo de linguagem que sustenta uma forma de dizer-se contestando, através de um discurso contra-hegemônico e mobilizador, demonstrando uma incrível inventividade, pois, o slammer diz sobre singularidades quase sempre invisibilizadas. Além da potência da oralidade, soma-se o caráter performático que inclui também o corpo, e nessa junção entre corpo e voz, há uma multiplicidade de sentidos que denuncia, educa, conscientiza, critica e une.

No livro “Letramentos de reexistência” a pesquisadora Ana Lúcia Silva Souza reforça muitas dessas especificidades:


Os enunciadores, por meio da poesia, fazem ecoar o emaranhado de vozes insatisfeitas com as condições de vida de grande parte do segmento menos favorecido da população que, entre outros direitos, exige educação que atenda às singularidades de todas as pessoas, sem discriminar, sem ignorar, por exemplo, o aluno do fundão, lugar da sala que recebe os menos visibilizados, os renegados (SOUZA, p. 2011, 122).

Ainda pensando nas contribuições da Tradição oral africana e nas práticas de letramentos, que tal discutirmos:

1- Que relação podemos estabelecer entre os “griots” e os “slammers”?

2- A sua cidade/comunidade já vivencia essas práticas de letramentos? Onde acontecem?

3º Momento (1 hora/aula): O professor (a) irá projetar o quadro com algumas características e informações referentes ao slam:

O QUE É O POETRY SLAM (POESIA SLAM)?	ONDE E QUANDO SURTIU?	QUEM É O FUNDADOR DO MOVIMENTO POESIA SLAM?	COMO CHEGOU AO BRASIL?
<p>O “Poetry Slam”, traduzido literalmente do inglês, significa a “batida de poesia”. Reconhecido mundialmente como um movimento poético, esse fenômeno da poesia oral e performática, contribui muito na promoção, legitimação e protagonismo de discursos diversos, além de potencializar o pensamento crítico ao inserir no centro da escuta temáticas que denunciam, reivindicam e questionam questões importantes para a sociedade.</p>	<p>Nos anos 1980, com a cultura hip hop, em Chicago - Estados Unidos.</p>	<p>Marc Kelly Smith, conhecido como Slam papi, um trabalhador da construção civil e poeta, sua ideia era promover uma renovação para os encontros de leitura e poesia, atingindo o seu objetivo, o fenômeno popularizou-se rapidamente no país e logo foi propagado por todo o mundo.</p> 	<p>Chegou ao Brasil em 2008. Os campeonatos de Slam no Brasil foram introduzidos por Roberta Estrela D’Alva (atriz, pesquisadora, produtora cultural, poeta e slammer brasileira) através do ZAP, Zona Autônoma da Palavra, em São Paulo.</p>  <p>Fonte: www.revistatrip.uol.com.br Roberta Estrela D'Alva fala sobre carreira, slam e racismo - Trip TV (uol.com.br)</p>

ONDE ACONTECEM?	QUAIS OS TEMAS MAIS RECORRENTES NAS BATALHAS DE SLAM?	QUAIS SÃO AS REGRAS PARA PARTICIPAR DAS BATALHAS DE POESIA?	QUEM VENCE A BATALHA?
<p>As batalhas podem acontecer em múltiplos espaços, todavia, é nas ruas que sua essência se potencializa.</p>	<p>Englobam aspectos sociais, culturais, políticos e artísticos, entrecruzando narrativas dos próprios autores, contrariando dimensões de poder e inscrevendo outras possibilidades de mundo via o alargamento das próprias experiências vivenciadas. vincula vozes de dores, denúncias, proposições e luta de classes e contexto social.</p>	<p>O maior destaque está na sua forma de composição predominantemente estruturada na oralidade, através da performance e do seu caráter autoral, ganha a forma de um campeonato e/ou celebração, intermediado pelo mestre de cerimônias, que recebe o nome de Slammaster. Ao slammer cabe o desafio de usar como instrumentos apenas o corpo e a voz, quem julga é escolhido aleatoriamente, no calor do momento. Existem três regras fundamentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os poemas devem ser de autoria própria, devem ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical. 	<p>O vencedor da batalha, ganha por carregar a força da palavra, a performance e coragem de falar com propriedade, as sequências discursivas que se aproximam de um diálogo e/ou de mensagem direta e reta ao público, para decidir, os jurados recebem plaquetas e/ou papéis para atribuírem notas de 0 a 10, no final de cada apresentação, caem a menor e maior nota e com a média encontrada, vence quem alcança a maior pontuação nas rodadas. A plateia que assiste, ganha pela escuta.</p>

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 6 - “NOSSAS CIRANDAS DE NARRATIVAS PULSANTES”

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p>OFICINA 7: Enegrecendo saberes: O que diz a lei 10639/03 ?</p> <p>OFICINA 8:</p> <p>Diálogos sobre Branquitude e o mito da democracia racial</p>	<p>Discussão oral (Diretrizes étnicos raciais e Lei 10.639/03)</p> <p>Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados</p> <p>Modalizadores discursivos;</p>	<p>Discutir os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas (lei);</p> <p>Dialogar acerca do contexto de promulgação dos direitos humanos, das políticas afirmativas e das leis de uma forma geral em um estado democrático, como forma de propiciar a vivência democrática. (Lei 10.639-03);</p> <p>Reconhecer a importância de se envolver com questões de interesse público e coletivo;</p>	<p>(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.</p> <p>(EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (caput e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico.</p>	<p>Exercitar a escuta das múltiplas vozes dos grupos culturais e representativos dos (as) estudantes e da comunidade.</p>

OFICINA 7: Enegrecendo saberes: o que diz a Lei 10639/03?



Duração prevista: 4 horas/aula

Recursos Necessários:

Datashow;
Notebook;
Caixa de som;
Pincel para quadro;
Texto xerocopiado.

OBJETIVOS:

- Discutir os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas (lei);
- Dialogar acerca do contexto de promulgação dos direitos humanos, das políticas afirmativas, e das leis de uma forma geral em um Estado Democrático de Direito, como forma de propiciar a vivência democrática. (Lei 10.639-03);

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Língua e Raça

QUEM VEM PARA A RODA

Professor (a), estudantes e o(a) convidado para a roda será um(a) advogado(a) experiente em temática racial.

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

De onde nascem as Leis? Que grupos as constroem? (Pensar no contexto que emergiu a Lei 10639/03)

As leis podem ser racistas e discriminatórias? Como alcançar a igualdade através das leis?

Como é possível mudar as leis?

Quem fiscaliza a eficácia da legislação?

Quais os impactos da Lei 10639/03 para a sociedade?

Como as leis podem auxiliar na construção de uma sociedade mais justa?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Modalizadores discursivos

AÇÕES PROPOSTAS

Desenvolvimento:

1º Momento (1 hora/aula): O(a) convidado(a) fará a sua apresentação inicial mobilizando o conceito do racismo estrutural, em seguida exibirá o vídeo : [\(19\) Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL! - Canal Preto - YouTube](#) (duração 5min36seg)

Após o vídeo, levantar questões:

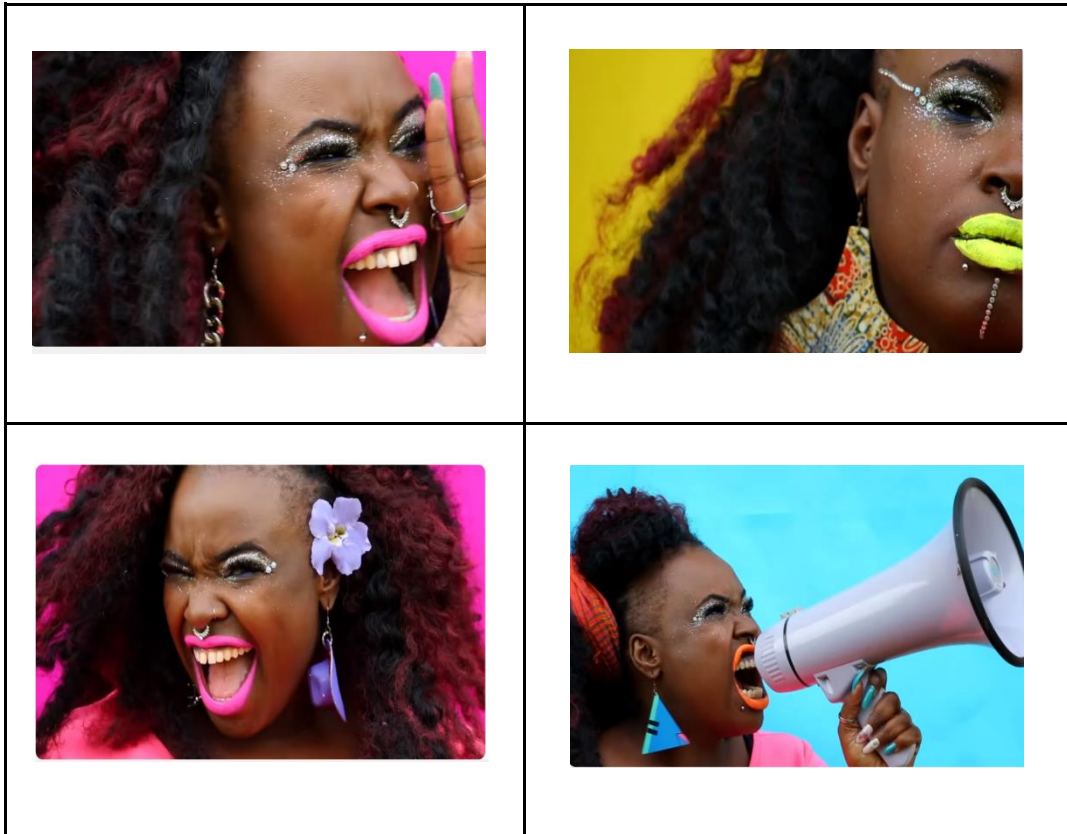
- O que eu entendo por racismo?
- O Brasil é um país racista?
- Você já sofreu alguma atitude que considere racista ou preconceituosa? Onde?

Como se sentiu e como agiu?

2º momento (2hora/aula): Após a participação do grupo, apresentar o contexto que emergiu a Lei 10639 e projetar o vídeo sobre a lei (duração 16min47seg):

[lei 10639 - Pesquisa Google](#)

[\(19\) NOSSA VOZ ECOA | EP 09 - "LEI 10.639" - YouTube](#)



Após a exibição do vídeo, o (a) convidado (a) apresentará a Lei 10639/03 e o (a) professor (a) anotarás no quadro as questões para o diálogo, a fim de suscitar a participação de todos (as):

De onde nascem as Leis? (Pensar no contexto que emergiu a Lei 10639/03)

Quem fiscaliza a eficácia da legislação?

Quais os impactos da Lei 10639/03 para a sociedade?

Dicas:

📺 Para assistir: Narciso, Rap.2003. 15min. Jéferson De (São Paulo - Conta a história de dois meninos que encontraram uma lâmpada mágica: o menino negro quer ser branco e rico, e o menino branco quer cantar rap com os negros).

3º momento (1 hora/aula): O (a) professor utilizará o centro da roda para apresentar o texto modalizadores discursivo: PACHECO, Mariana do Carmo. "O que são modalizadores discursivos?"; *Brasil Escola*. Disponível em: [O que são modalizadores discursivos? - Brasil Escola \(uol.com.br\) https://.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-sao-modalizadores-discursivos.htm](https://uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-sao-modalizadores-discursivos.htm). Acesso em 30 de janeiro de 2023 . Após a leitura, solicitará aos (às) estudantes que argumentem sobre algumas questões presentes no texto:

"A língua é fundamentalmente argumentativa"

"Não existe interação comunicativa sem modalização"

🔊PAPO RETO: Veja mais sobre "O que são modalizadores discursivos?" em:
<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-sao-modalizadores-discursivos.htm>

Durante a leitura e discussão do texto o (a) professor (a) deverá explicar que esses modalizadores serão importantes para a realização da oficina subsequente que contará com a participação dos líderes de classe das outras turmas.

OFICINA 8: Diálogos sobre branquitude e o mito da democracia racial

Duração prevista: 4 horas/aula

Recursos Necessários:

Texto impresso (carta)

Pincel para quadro

Smartphone

OBJETIVO:

Reconhecer a importância de se envolver com questões de interesse público e coletivo.

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Branquitude

QUEM VEM PARA A RODA

Professor (a), Estudantes e Convidar líderes* de todas as turmas da escola.

*Os líderes participarão como multiplicadores do debate em suas turmas.

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

- O que entendemos por privilégios?
- Afinal, somos iguais ou diferentes?
- O que significa ser antirracista?
- A quem compete a luta antirracista?
- O que é branquitude?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Modalizadores discursivos

AÇÕES PROPOSTAS

1º momento (2hora/aula): O (a) professor (a) deverá iniciar o diálogo ressaltando a importância da presença dos líderes de classe das outras turmas como multiplicadores das temáticas que serão desenvolvidas na roda, e propagada em suas devidas turmas, a fim de que

seja discutida em toda a escola, pautas importantes como o racismo. Será necessário revisar o conceito do racismo estrutural e dos modalizadores discursivos, ressaltando a importância do seu uso nos momentos subsequentes de debate em grupo.

2º Momento: (2hora/aula): Será proposta a leitura crítica da carta a seguir:

CARTA DO ODARA À BRANQUITUDE ANTIRRACISTA DO BRASIL

Cara pessoa branca que se diz antirracista,

Como você analisa a sua construção identitária branca e o seu acesso histórico à privilégios materiais e simbólicos?

Quando você reparou que suas falas são respeitadas, e você tem reconhecimento nos mais diversos ambientes em que se posiciona?

Que você tem direito de errar e pedir desculpas sem perder oportunidades?

Quando reparou que você e os seus quase sempre são o centro das narrativas nos jornais, novelas, filmes, séries e no mundo virtual? Quando percebeu que a sua cor te trazia benefícios, seja você pessoa branca com sobrenome de neto de engenho ou branco pobre que venceu na vida?

Calma! Não queremos que você mude seu passado, mas agora, com todos esses acessos mencionados, agora que você reconhece o racismo, de que forma você tem exercitado o seu antirracismo?

Você utiliza hashtags do Black Lives Matter? Coloca quadrado preto no seu perfil do Instagram para mostrar que se importa? Mas para você, as vidas negras também importam fora da internet?

Nas suas escolhas pessoais, profissionais, afetivas e cidadãs, como você contribui com o direito à vida, voz e dignidade das pessoas negras?

Você denuncia a cultura racista brasileira? E como você trata as trabalhadoras domésticas da sua casa? Como “quase da família”? Ou garantindo e respeitando seus direitos trabalhistas? Para quais outras funções você contrata ou faz parcerias com pessoas pretas?

Quantas pessoas pretas você impulsiona e compartilha oportunidades? E de quantas já duvidou da intelectualidade?

Quando uma pessoa próxima a você se posiciona de maneira racista em reuniões de amigos, de família, em seu local de trabalho ou na Universidade, você se posiciona? Ou silencia, para não se indispor com alguém que você gosta?

Você admira a estética e a cultura negra? Elogia os blacks, tranças e dreads em mulheres negras e pede para tocar achando exótico? Chega a usar tranças para ajudar a valorizar a causa? Ou reflete sobre os impactos da apropriação cultural e entende a diferença entre solidariedade, compromisso e pertencimento?

Tenta resgatar uma suposta negritude, já que a sua bisavó era negra?

Lê Fannon? Angela Davis? Chimamanda? Por isso você tem certeza que entende mais sobre racismo do que as pessoas pretas que não acessaram a universidade?

Você pesquisa sobre racismo, mas não se incomoda com a ausência de professores e estudantes negros na sua universidade?

Trabalha com projetos sociais, mas assedia colegas e funcionários negros?

Aprende Yorubá? Capoeira? Ouve rap? Samba?

Te incomoda o fato de que a cada 23 minutos uma pessoa negra é assassinada no Brasil? Se sensibiliza com a falta de oportunidades para crianças, adolescentes e jovens negros? E o que você faz com o seu incômodo?

Depois do Novembro Negro, o que sobra da sua luta antirracista?

Fonte: Odara - CARTA DO ODARA À BRANQUITUDE ANTIRRACISTA DO BRASIL
(institutoodara.org.br) acesso em 31/01/2023.

🔊PAP0 RETO:Após a leitura, o (a) professor apresentará brevemente a biografia de intelectuais citados(as) no texto que provavelmente não fazem parte do contexto dos(as) estudantes (Fannon, Angela Davis, Chimamanda), explicando que essas informações são indispensáveis à compreensão global do texto, destacando a importância desses dados para o efeito de sentido.

Ainda neste momento, espera-se que os (as) estudantes e líderes exponham suas impressões sobre o texto e relatem vivências a partir das reflexões, em seguida, o(a) professor abrirá a roda de discussão sobre as questões para o debate:

- O que entendemos por privilégios?
- Afinal, somos iguais ou diferentes?
- O que significa ser antirracista?
- A quem compete a luta antirracista?
- O que é branquitude?
- Vocês conheciam esses intelectuais?
- Quais intelectuais negros vocês conhecem? E em outras áreas, como na internet?

Após a exposição do grupo, os (as) estudantes poderão realizar uma pesquisa rápida no instagram sobre nomes e profissionais negros que são referências em suas áreas de atuação, e levantar discussões em torno de quais áreas eles (elas) desejam ser referências.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 7 - “Minha voz tem vez”

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p><u>OFICINA 9:</u> O que eu tenho a dizer? (produção)</p>	<p>Estratégia de produção: planejamento de textos argumentativos e apreciativos;</p> <p>Polifonia</p>	<p>Relacionar textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temáticas e da polifonia resultante do efeito das diferentes vozes nos textos;</p> <p>Exercitar a produção de texto a partir de uma oficina de escrita criativa (slam)</p>	<p>(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero) - (slam)</p>	<p>Estabelecer canais de comunicação com trocas de experiências com os movimentos negros, com os grupos sociais e culturais da comunidade, possibilitando diálogos efetivos.</p>

MÓDULO 7 - MINHA VOZ TEM VEZ

No cerne do vocábulo “batalha”, encontra-se a ideia de empreender esforços para vencer adversidades, resolver problemas, criar saídas. (...) A metáfora da batalha, para descrever modos de interagir, de tomar a palavra (...) e colocá-las em relação com as de outros, se mostra produtiva para analisar os meios pelos quais [slammers] buscam construir suas identidades (SOUZA,2011, p.130).

OFICINA 9: O QUE EU TENHO A DIZER? (PRODUÇÃO)

Duração prevista: 6 horas/aula

Recursos Necessários:

Caderno;

Datashow;

Notebook;

Caixa de som.

OBJETIVOS:

Relacionar textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temáticas e da polifonia resultante do efeito das diferentes vozes nos textos;

Exercitar a produção de texto a partir de uma oficina de escrita criativa (slam).

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Escrita criativa

QUEM VEM PARA A RODA

Professor (a), estudantes e convidado(a) slammer e/ou articulado(a) cultural, para a realização de oficina de escrita criativa, performance poética e produção de slam.

Sugestão de convidado(a): Alguma representante do Slam das Minas-Ba e/ou do Sarau da Onça (Salvador-Ba)

QUESTÕES PARA O DIÁLOGO

- Como articular a pluralidade de vozes no texto?
- O que é polifonia?

ENVOLVENDO A LÍNGUA

Polifonia

AÇÕES PROPOSTAS

DESENVOLVIMENTO:

1º Momento: (2 hora/aula): Este momento será reservado ao (à) professor (a) e estudantes, tendo início com a leitura do poema “Para Conceição” da poeta/slammer Cristal Rocha, extraído do livro “Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta”.

O texto servirá de suporte para que o (a) professor (a) discuta com a turma o conceito de polifonia, destacando a multiplicidade das vozes presentes no texto.

▶ PARA CONCEIÇÃO

Quantas das nossas *Vozes-Mulheres* calaram?
 A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
 Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
 E quantas das nossas vidas apagaram?
 Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
 As chibatada ainda arde
 Nossa inspiração nasce
 Aprendi com Conceição
 Que somos *negros-estrelas*, juntos uma constelação
 Valorizei minhas vivências e escrevi *Poemas de recordação*
 De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
 De geração em geração
 Levo comigo a escrita
 Às vezes cruel e vivida
 de quem teve que voar,
 pois já não
 tinha
 mais
 chão

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura
 Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura
 Sou *Fêmea-Fênix* me recompondo depois das queimaduras
 Minha armadura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode comprar
 Então vem me atacar!
 Eu já cansei de te ver nos matar
 Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar
 Eu sei que cê não quer me ouvir, boy
 Mas eu tenho muita história pra contar
Da Velha à menina
 Segredos de sobrevivência ▶

DICAS:

Para conhecer a escritora Cristal Rocha e ouvir um pouco da sua experiência com o slam, acesse: <https://globoplay.globo.com/v/6763498/> (acesso em 10/02/2023)

Compartilhe RS | Slammer, Cristal Rocha, se apresenta no palco do Compartilhe RS | Globoplay



2º Momento (4hora/aula): Momento reservado para o (a) convidado (a) explorar a escrita criativa, performance poética e produção de slam, com base nos estudos realizados nas oficinas anteriores, vivências e as próprias narrativas dos estudantes envolvidos.

Durante a oficina é importante que se destaque os conceitos de território, periferias, raça e oralidade a fim de que produzam textos que abordem temáticas discutidas em todos os módulos e planejem estratégias para a última etapa do módulo que trará como proposta uma batalha de slam no território-espaço da própria escola.

Questões importantes a serem abordadas/retomadas:

- A força da oralidade na história da humanidade
- A importância de usar a voz como política para respirar
- A influência do nosso território em nossa construção sócio-histórico-cultural
- A força advinda das nossas narrativas

Sugestões de materiais que servirão de suporte aprofundar a discussão sobre slam:

– Documentário “Slam – Voz de Levante” de 2017.



– Documentário “Slam das Minas – Seja heroína, seja marginal”.

- O depoimento sobre a participação na Copa do Mundo de Slam, “Declama-te ou te devoro: o poetry slam e a celebração urbana da poesia falada”, escrito pela poeta slammer Roberta Estrela D’alva no site “Omenelik 2º ato”.

- No blog do “Instituto Singularidades”, há um pequeno texto sobre como o slam pode ser trabalhado em sala de aula.

- O texto de Bruna Ribeiro, no site “Gelédes”, chamado “Slam é a nova forma da juventude da periferia se expressar – e é incrível!”.

- Artigo escrito por Roberta Estrela D’Alva, poeta e pesquisadora Slammer: D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena.** Revista Synergies Brésil. Nº 09, 2011. pp. 119-126.


- Artigo escrito por Marielly Zambianco Soares Sousa a respeito de suas experiências com oficinas de poesia slam em uma escola. SOUSA, Marielly Zambianco Soares. **Uma experiência de oficina pedagógica Slam em prol da educação étnico-racial.** In: Anais da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem. Mato Grosso do Sul, 2018.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO
MÓDULO 8 - Fechando as rodas: A escola como palco das reexistências

AÇÃO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	BNCC	ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<p><u>OFICINA 10:</u> Microfone na mão, nossas narrativas na escuta</p>	<p>Efeitos de sentido do texto;</p>	<p>Estabelecer estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais (batalha de slam na escola)</p> <p>Realizar práticas de compartilhamento que promovam a escuta que se preste à expressão das preferências e das apreciações do que foi ouvido/assistido.</p>	<p>(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.</p> <p>(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas (slam)</p>	<p>Reconhecer a escola como espaço privilegiado de inclusão, reconhecimento e combate às relações preconceituosas e discriminatórias, firmando o caráter multirracial e pluriétnico da sociedade.</p> <p>*Propor vivências coletivas que reconheçam a interdependência entre corpo, emoção e cognição no ato de aprender</p>

MÓDULO 8 - FECHANDO AS RODAS: A ESCOLA COMO PALCO DAS REEXISTÊNCIAS

OFICINA 10: Microfone na mão, nossas narrativas na escuta (Batalha de slam)



Duração prevista: 6 horas/aula

Recursos Necessários:

Caixa de som

Microfones

Computador

Datashow

Notebook

Papel ofício/A4

Pincéis-Hidrocor

EIXO TEMÁTICO NORTEADOR

Batalha de slam

QUEM VEM PARA A RODA

Estudantes, professores(as) e equipe gestora serão a plateia para o protagonismo dos(as) alunos(as) slammers no palco das reexistências.

ENVOLVENDO A LÍNGUA
Efeitos de sentido do texto

Desenvolvimento:

1º momento (1 h/aula): Neste momento inicial em sala de aula o(a) professor(a) deverá projetar informações sobre algumas características da apresentação oral, e revisar as regras da batalha de slam, tanto para quem vai apresentar a performance, como para quem estará na plateia, intensificando a importância de estarem atentos(as) à interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos (variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem, assim como aos aspectos relacionados aos efeitos de sentido do texto.

🔊PAPO RETO: O texto disponível em: [Efeitos de sentido: duplo sentido, ambiguidade, ironia e humor \(uol.com.br\)](https://www.mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/efeitos-sentido-duplo-sentido-ambiguidade-ironia-humor.htm)

<https://www.mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/efeitos-sentido-duplo-sentido-ambiguidade-ironia-humor.htm> (acesso em 20/02/2023) servirá de suporte para discutir os efeitos de sentido a partir do duplo sentido, ambiguidade, ironia e humor.

Ao finalizar o primeiro momento o (a) estudante deverá receber a tabela de autoavaliação.

2º momento (5 horas/aula): A batalha de slam acontecerá no pátio da escola, devem ser convidados (as) estudantes de outras turmas, professores e gestão, para participarem como plateia. Os (as) jurados (as), receberão aleatoriamente os papéis e/ou placas e pincéis para registrarem a pontuação. O (a) convidado (a) para atuar no palco como mestre de cerimônia - slammaster - fará a abertura da batalha e conduzirá todas as etapas posteriores (batalha-pontuação-resultado).

Sugestão de convidado(a): Sandro Sussuarana (produtor cultural/ representante do Sarau da Onça-Salvador Ba) e/ou algum (a) representante do Slam das Minas-Ba.

IMPORTANTE: Nas batalhas de slam, sempre ocorrem mais de uma rodada de poetas performando, sempre individualmente. Na primeira, todas as pessoas apresentam e recebem notas e, na segunda rodada, se apresenta apenas quem recebeu as melhores avaliações. Na última rodada, apenas duas pessoas se apresentam, e, somente uma delas, será vencedora. Caso não haja condições favoráveis para realização de mais rodadas (geral, semifinal e final), em caso de empate, pode-se determinar a vitória pela aclamação da plateia.

«**PAPO RETO** Que esse material sirva para reestruturar caminhos, guiar novas possibilidades, que abram portas necessárias e acomodem confortavelmente muitos (as), seja por enxergarem nele um pouco de quem somos, seja por fazer sentido, pois, é nessa educação que acredito, é dela que quero fazer parte, não enquanto detentora das normas limitantes, mas acima de tudo como alguém que é aprendente, consciente de que é com/no outro (a) que deixamos de ser fragmentos e nos tornamos inteireza.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO

A avaliação das oficinas ocorrerá de forma contínua a partir dos instrumentos e critérios elencados a seguir:

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	CRITÉRIOS AVALIATIVOS
Exposição Oral (Rodas de conversa) Produção escrita (individual) Leitura oralizada Performance Autoavaliação	Coerência argumentativa nas rodas de conversa e exposição dialogada; Realização de trabalho em grupo com autonomia e respeito aos colegas; Apresentação de opiniões diversas com boa gestão de fala e escuta; Organização e articulação lógica dos elementos composicionais da produção textual solicitada; Envolvimento nas oficinas. Apresentação final (performance) Preenchimento da tabela disponibilizada para autoavaliação.

Modelo da Tabela para autoavaliação:

CRITÉRIOS DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome do (a) Estudante:

ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS	SIM	NÃO	ÁS VEZES
COLABOREI PARA MANTER UM CLIMA DE TRABALHO AGRADÁVEL DURANTE O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES			
PARTICIPEI ATIVAMENTE NOS MOMENTOS DE LEITURAS E APRECIÇÃO DE VÍDEOS			
REALIZEI AS ATIVIDADES PROPOSTAS NAS OFICINAS			
PARTICIPEI DAS DISCUSSÕES PROPOSTAS NAS RODAS DE CONVERSA			
REFLETI A RESPEITO DAS TEMÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E HISTÓRICAS PRESENTES NAS OFICINAS			
CONSTRUÍ/CRIEI NOVOS PRODUTOS (textos, vídeos, por exemplo) QUE CONTRIBUEM PARA A CONTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PLURAL, QUE VALORIZA AS DIFERENÇAS			
COMPREENDI A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E DE UMA ESCOLA QUE VALORIZA MÚLTIPLAS LINGUAGENS/SABERES			

REFERÊNCIAS

D´ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o *poetry slam* entra em cena. **Revista Synergies Brésil**. Nº 09, 2011. pp. 119-126.

DUARTE, Mel (Org.) **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017. <https://www.mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/efeitos-sentido-duplo-sentido-ambiguidade-ironia-humor.htm>. Acesso em: 26 fev. 2023.

PACHECO, Mariana do Carmo. “O que são modalizadores discursivos?”; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/0-que-sao-modalizadores-discursivos.htm>. Acesso em: 20 fev. 2023.

RIGONATO, Alessandra Cristina. **Humor em tempos de Troubles: a representação cômica dos conflitos no teatro da Irlanda do Norte**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Eumara Maciel dos. **A tessitura da palavra: um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ**. 2020.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

_____. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002.

SOUSA, Marielly Zambianco Soares. **Uma experiência de oficina pedagógica Slam em prol da educação étnico-racial**. In: *Anais...* da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem. Mato Grosso do Sul, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.